QUADRO DAS ONZE MIL VIRGENS

Pertence tambem este baixo relêvo á sumptuosa basilica de Mafra, e á eschola artistica de que já por mais vezes temos fallado.

Fórma a luneta do lado do evangelho da capella dedicada ás «santas virgens da ordem serafica», e representa santa Ursula e as onze mil virgens suas companheiras.

Como esta santa foi tomada por padroeira das mestras de meninas, a cujas mãos vão parar muitos exemplares do nosso jornal, por offerta gratuita da benemerita sociedade portugueza do Rio de Janeiro denominada *Madrépora*, julgâmos que lhes será agradavel uma breve noticia, tanto da vida d'esta martyr da nossa religião, como do instituto das Ursulinas, que sob o seu patrocinio se creou, em differentes nações estrangeiras, e tambem em nosso reino.

Quando os pagãos saxonios tallaram a Inglaterra de mar a mar, muitos de seus antigos habitantes bretões vieram á Gallia, e se estabeleceram na Armonica, d'onde esta provincia ao depois se denominou Bretanha Menor. Outros se refugiaram em Netherlands, e tomaram estabelecimento junto do Rheno em um castello chamado Bitthemburgo, como provam, por antigos monumentos, os historiadores belgicos.

Estas santas matyres parece haverem deixado por aquelle tempo a Bretanha, e tido uma gloriosa morte em defesa da sua virgindade, pelo exercito dos hunos, que saqueavam, no seculo v, aquelles paizes e levavam toda a terra a sangue e fogo. Todos convem que ellas foram oriundas da Bretanha, e que santa Ursula foi a directora, e como o chefe de todo este esquadrão sagrado. Alguns attestam que estão confundidas com santa Saula, Martha e companheiras, virgens e martyres de Colonia, que no dia 20 de outubro trazem varios martyrologios antigos, copiados por Usuardo. Outros affirmam que algumas eram casadas, e que o seu numero era incerto; egualmente diversificam n'outros pontos do seu martyrio. O que nós dizemos como mais provavel, é que eram muitas, e todas virgens.

Estas santas martyres tem sido honradas pelos fieis, ha muitos seculos, com devoção extraordinaria em toda a christandade. Santa Ursula, como mestra e directora de todas as mais, é tida como modelo e patrona dos que pretendem educar a mocidade em exercicio da religião, e praticas da virtude. É patrona do memoravel collegio de Soborna, e santa titular d'aquella egreja. Debaixo do seu nome se tem tambem erigido varias casas para a educação de meninas virtuosas. Para este importante fim se estabeleceram em Italia as Ursulinas pela B. Angela de Brescia, no anno de 1537.

A historia do instituto das Ursulinas em Portugal, é a seguinte.

A rainha D. Marianna d'Austria, mulher d'el-rei D. João v, tendo particular affeição áquelle instituto, pelos fructos que d'elle tinha visto colherem-se nos estados da Allemanha, quiz transportal-o para Portugal. O bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, pediu á rainha que fundasse este novo convento no recolhimento das Chagas de Christo, que na villa de Pereira, junto a Coimbra, se tinha instituido



As onze mil virgens (baixo relêvo da basilica de Mafra) — Desenho de Bordalo — Gravura de Coelho

em 1748. Accedeu a rainha a este pedido. Mandou o bispo buscar a França os estatutos da ordem das Ursulinas, que n'aquelle reino, e no anno de 1611, tinham sido introduzidas. Com elles mandou dois padres da companhia de Jesus instruir as recolhidas para fazerem profissão solemne, o que se verificou a 25 de dezembro de 1753. As freiras tomaram habito preto, e as educandas azul, de lã. Feito isto instituiram-se as classes para o ensino, cada uma com

sua mestra, e por directora de todas, uma senhora D. Leocadia Vahia, filha de certa casa poderosa, mui prendada e de talento, que por vocação abraçára aquelle instituto.

A rainha D. Marianna deixou em seu testamento quarenta mil cruzados para esta fundação das Ursulinas, e mais todos os bens que o desembargador Antonio de Macedo Velho tinha posto á disposição d'aquella soberana, para este mesmo fim.

Por este tempo extinguiu o marquez de Pombal a companhia de Jesus, n'este reino, e tambem varios recolhimentos que os jesuitas tinham creado, ou dirigiam. As Ursulinas chegaram a estar comprehendidas na extincção; porém a madre superiora, D. Luiza Botelho, fidalga da casa de S. Miguel, e que tinha influencias no paço, veiu á côrte, teve uma longa audiencia do marquez, e conseguiu, não só salvar da proscripção o seu convento, mas que fosse dotado com os bens dos recolhimentos jesuiticos de Valle da Mó, Montemór Velho, Tavarede e Matamourisca. Com estes recursos se alargou muito o convento das Ursulinas de Pereira, a tal ponto, que tomaram para si toda a rua do Padrão, e para arredondar a cerca compraram a quinta do Canal, ficando assim um edificio espaçoso, e accommodado para muitas educandas, que n'algum tempo tem chegado a mais de cem.

Em 1778 foi a já citada D. Luiza Botelho, ou das Chagas, como depois se appellidou, com dezeseis religiosas fundar o convento das Ursulinas de Vianna, e em 1795 o de Braga.

Quando a Misericordia de Lisboa estabeleceu, em 1788, o collegio para educação de meninas orphãs, que hoje está no extincto convento de S. Pedro de Alcantara, veiu para sua regente D. Maria Barbara Amado da Cunha e Vasconcellos, com seis companheiras para mestras.

Decaíu o collegio das Ursulinas de Pereira a tal abatimento, principalmente depois que a villa começou a ser infestada de febres malignas, que chegou a ponto de não ter mais que tres educandas.

As religiosas, vendo que em logar tão insalubre não podia continuar a persistir o collegio, nem ellas observarem o seu instituto, que é a educação do sexo feminino, pediram ao governo, em 1848, as trasladasse para o convento das freiras de Santa Anna de Coimbra, onde actualmente se acha estabelecido, e mui frequentado o seu collegio.

No antigo collegio de Pereira ensinava-se ás educandas: ler, escrever, contar, francez, doutrina christã, principios de moral e de civilidade: fazer meia, rendas e luvas, coser, marcar, talhar vestidos, espigar, bordar de branco, de matiz, de seda e froco, de oiro, missanga, petit-point, crochet, tocar piano e cantar. Em Coimbra, não só se tem aperfeiçoado este ensino, mas acrescentou-se-lhe o de grammatica portugueza, franceza e ingleza, geographia, historia, mythologia, bordar a pó de lã, escumilha, e fazer flores.

Ultimamente, segundo nos dizem, já alli ha mestra de italiano, e outra de desenho linear, com applicação ao vestuario e enfeites de mulher.

Diz o auctor da noticia que se publicou ha annos sobre o instituto das Ursulinas, que se póde considerar aquelle collegio como a universidade do sexo feminino em Portugal.

O maior desejo que tem, e devem ter, os paes, é serem taes seus filhos, que não só os egualem, mas os vençam e excedam a elles.

Padre Antonio Vieira.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INEDITO

(Vid. pag. 116)

ULTIMOS MOMENTOS DO GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT.

Quando entrei no quarto do doente achei-o muito satisfeito. Disse-me que estava melhor, que se tinha confessado muito bem, e que isso parecia haver-lhe dado grande allivio. Perguntou-me pelo estado da minha saude, manifestando muito receio de que eu peiorasse por andar mal dormido; e depois de tambem se informar do estado de Gonçalves, que estava presente, disse-lhe apontando para mim: «Muito me tem aturado, coitado!» E logo depois fallando commigo: «Deus lh'o pague! eu creio que não poderei, mas se chego a levantar-me d'aqui!..» Quando Gonçalves saiu, pediu-me, segundo o costume, que lhe lesse alguma coisa. Peguei no *Passeio de sete mil leguas*, do sr. Francisco Maria Bordallo, que de proposito tinha levado, e li-o do principio ao fim. As viagens e as peças de theatro eram, nos ultimos annos da vida de Garrett, as suas leituras favoritas. O livro do sr. Bordallo agradou-lhe muito, e teve-o todo o dia distrahido. Não se fatigava de ouvir ler, mas a conversação, de que foi tão apaixonado, começava já a incommodal-o, cançando-o demasiado. Durante a leitura do *Passeio de sete mil leguas* não deixava comtudo de ir fazendo alguma observação, ou notando as coisas que mais o satisfaziam: «Faça os meus comprimentos ao Bordallo, diga-lhe que fez um bonito livro, mas que não andou muito avisado escrevendo-o em Lisboa. Ainda que assim fosse, não o devia dar a conhecer. A historia de uma viagem produz muito maior effeito, quando parece ao leitor ser escripta á vista dos logares que se descrevem; a illusão é mais completa. No entanto diga-lhe que gostei muito.» E era assim. Garrett não lisonjeava a mediocridade, mas onde descobria talento era o primeiro a querer que todos o vissem, a publical-o, a animal-o; bastantes arrancou dos limbos onde viviam ignorados, para depois receber d'elles o bom pago de o calumniarem e diffamarem... Isto não se entende porém com o auctor acima citado, que nunca deixou de respeitar e admirar o grande poeta.

Faltava ainda uma ceremonia religiosa, mas essa não tive eu animo de consentir que se fizesse sem prevenir o doente. Pedi pois ás duas santas irmãs da Caridade que o dispozessem, dizendo-lhe que elle não estava em grande perigo, mas que ellas não podiam continuar á cabeceira de um doente, que depois de se ter confessado não recebesse logo o Viatico. Custou muito a resolvel-as para esta piedosa mentira; mas as minhas instancias e as de Gonçalves, conseguiram que por fim se prestassem a ella.

Contar os rodeios, a diplomacia, o engenho que uma d'ellas empregou para chegar onde queria, é quasi impossivel, e tomaria longo espaço para escrever-se.

Que o poeta percebesse ou não a subtileza empregada para se conseguir o que queriamos, é certo que se mostrou um pouco admirado da quasi intimação. «Acham-me então muito peor, minhas irmãs?» — Não, senhor; mas isto nunca faz mal. «Certamente que não; antes faz bem.... Eu estou promptо.» As irmãs saíram bastante compungidas, e eu aproximei-me do leito, fingindo ignorar o que se tinha passado; mas elle disse-m'o logo. Perguntei-lhe se tinha alguma repugnancia, e se se atemorisava com o espectaculo imponente do acto; disse-lhe que este se podia evitar, ao menos por em quanto, porque não havia receio de que o mal se aggravasse. Respondeu-me, que estava disposto, mas que

quando lhe levassem o Santissimo Sacramento, pedia que não entrassem no seu quarto pessoas que lhe fossem desconhecidas.

Á noite veiu Gonçalves e D. Pedro do Rio. Com elles assentei que a ceremonia tivessse logar no dia seguinte, pela manhã. Assim se fez: ás oito horas estavamos todos tres na egreja de Santa Isabel. Pedimos ao reverendo prior que a ceremonia fosse feita sem ruido, e com a maior simplicidade possivel; mas a religião, assim como a politica, tem os seus actores. Foi preciso que o Gonçalves se precipitasse sobre o homem da campainha, arrancando-lh'a das mãos, com grande escandalo do respeitavel carola. Entendem os devotos d'aquelle ruidoso instrumento, que o acto religioso ficará incompleto, se em quanto o moribundo recebe a communhão lhe não martellarem cruelmente os ouvidos com o toque incessante da campainha!

O prestito entrou silenciosamente em casa de Garrett. O Gonçalves collocou-se á porta do quarto, e vedou a entrada aos estranhos. Eu, D. Pedro do Rio, e as irmãs da Caridade ajoelhámos aos pés do leito. Quando entrou o sacerdote, o poeta conservava a sua posição habitual, isto é: estava sentado na cama, rodeado de almofadas, e apertava entre as mãos um pequeno Crucifixo, mas tendo sempre os olhos fitos na bella imagem de Christo que fôra de sua mãe, e que lhe ficava fronteira.

Disse com grande devoção o acto de contrição, e quando se lhe administrava o Sacramento arrasaram-se-lhe os olhos d'agua; apertou vivamente, e repetidas vezes, contra o peito o Santo Christo que tinha nas mãos, e ficou por alguns instantes em profundo recolhimento.

Nenhuma das testimunhas d'esta scena grandiosa e solemne conservou os olhos enxutos; os menos afeitos ás lagrimas não poderam contel-as. Parece que se identificaram com a magestade do acto, e estou convencido que do fundo de todos aquelles corações, subiu aos ceos uma prece fervente pelo grande poeta que fechava a sua existencia com tamanho exemplo. A fé sincera e ardente com que elle se abraçava ao symbolo que regenerou a humanidade, illuminava-lhe os olhos de vivo fulgor, e dava-lhe á physionomia um aspecto sublime.

Apenas se retirou o prestito religioso, Garrett começou a conversar commigo e com o Gonçalves. «Sinto-me quasi bom agora; acho-me bem com Deus, e de certo estou melhor.» Alludia ao estado da sua alma, porque ácerca da doença do corpo já lhe não podiam restar duvidas. E d'ahi quem sabe? A alma devia com effeito, segundo a sua expressão, achar-se bem com Deus. A serenidade de animo que o acompanhou até ao supremo instante, e que nascia da sua confiança na Divina misericordia, mostrava claramente que a fé o havia de salvar, e que seus erros lhe foram perdoados ainda em vida. O seu grande espirito era quem o suspendia ainda fóra da sepultura.

Não teve um instante de fraqueza, visivel para mim; mas não sei se inteiramente o teriam deixado as illusões .. Quem o póde dizer? O poeta é um ente tão diverso dos outros homens, e aquelle era tão differente dos outros poetas! Quem póde saber se a essa mesma alma, tão purificada pelo arrependimento, voltariam algumas vezes saudades do mundo, de que ia apartar-se, e se ella pediria a Deus um milagre? Nem pareça estranha ou deslocada esta idéa depois do que acima se escreveu. Ha no coração humano phenomenos que todos os dias se manifestam, ou se renovam sob fórmas diversas que escapam á observação mais accurada. Garrett deixava na terra uma filha, um idolo do seu coração, uma porção de si mesmo, mais amada por elle do que talvez merecesse uma creatura humana. No dia em que essa menina deixasse de viver, seu pae cairia infallivelmente ao pé do seu cadaver. Era um amor que a morte engrandecêra, porque a sepultura que devorou a mãe, fez accumular á filha o affecto que o poeta repartia com as duas.

Garrett vivia pois por ella e para ella. Todavia, nem uma só vez me disse uma palavra ácerca d'esta filhinha, tão cedo abandonada por elle! Porque? Era eu então a pessoa de sua maior confiança, estava constantemente ao pé do seu leito, e elle confiava-me até os proprios segredos do coração, quando d'isso não resultava prejuizo de terceiro. Poderá crer-se que a esperança da vida lhe sorrisse ainda? Sabe-o Deus. Muitas vezes o ouvi reclamar a presença de sua filha, e queixar-se de que ella não estivesse constantemente ao seu lado. Quem sabe se não foi uma suspeita de desamor da parte d'esta, suspeita sem duvida infundada, mas que actuou n'elle de modo que motivou a reserva pertinaz que a seu respeito guardou até á morte? Não me atrevo porém a affirmar que isto assim seja, porque não posso crer na ingratidão de quem era tão cegamente idolatrada. Era impossivel que uma filha deixasse de corresponder, e ser reconhecida, a tão estremecido amor de pae! Seria mais que ingratidão; seria uma dureza só propria de feras.

Não me parece que no coração humano possa caber tão feio sentimento, e note-se que não julgo bom este mau orgão da nossa especie.

. . . .

No dia em que o poeta foi sacramentado, fazia um frio horroroso. Gonçalves saiu ás onze horas, e eu fiquei dormitando ao pé do fogão. Garrett quiz que o deixassem só, para ver se conseguia passar pelo somno. Ao meio dia chamou-me, dizendo-me que não podia adormecer, e que lhe contasse alguma coisa. Fallei-lhe de poesias; recitei-lhe fragmentos do seu *Camões*, que elle tanto gostava de ouvir, bocados da *Dona Branca*, e por fim o *Avè Cæsar* do sr. Mendes Leal. Esta bella poesia era-lhe desconhecida, e foi tal a satisfação que lhe causou, que me obrigou a repetil-a segunda vez. Concordou commigo que eram os melhores versos de Mendes Leal, e fez muitos e merecidos elogios a este insigne poeta. Pediu depois á sua filhinha que fosse buscar as *Flores sem Fructo*. Veiu o livro, mandou que eu procurasse n'elle a poesia que tem por titulo: *As minhas azas*, e que lh'a lesse com muita pausa. «E uma composiçãosinha muito simples, mas que me parece não ser inteiramente despida de merecimento... Ora leia, *seu* poeta, e leia isso com consciencia.» Gonçalves já tinha vindo, e acabava de sentar-se ao pé de nós. «O sr. Gonçalves, veja se o illustre preopinante mantem a devida generosidade, ou se, por ser official do meu officio, come por ahi algum verso para me enterrar.» Começou-se a leitura.

Por serem versos de Garrett, e os ultimos que elle ouviu ler, parece-me que os leitores não desgostarão de os encontrar aqui.

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.
—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu:
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao ceu.

Veiu a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
—Veiu a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me poder e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

Mas uma noite sem lua,
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra
Ia voar para ellas,
— Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estrellas...
Vi, entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Ja não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
De enfeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
— Tudo perdi n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna, me caíram...
Nunca mais voei ao ceu. [1]

Estas admiraveis estrophes foram as derradeiras memorias que se desprenderam do seu coração, os ultimos alentos do poeta, que não podendo já empunhar a lyra, para dizer adeus ao mundo, mandava repetir por outro a canção que lhe fallava, com maior saudade, dos tempos da sua gloria.

Seria uma para as duas horas da noite quando eu e Gonçalves nos retirámos. Eu sentia-me mui fatigado de vigilias e cuidados; havia muitos dias que me não arredava do doente, e por isso assentei de tomar dez ou doze horas seguidas de liberdade, para me fortalecer. Dormi pois até ás dez da manhã, e acordando fiquei surprehendido de ver o sol, que andára invisivel bastante tempo. Mandei logo saber do estado do doente, e disseram ao meu criado que elle tinha passado muito mal o resto da noite, mas que se animára á vista da onda de luz que inundára o escriptorio, immediato ao seu quarto.

Era no dia 9 de dezembro de 1854, como se disse no comêço d'esta narração.

Não sei que vago presentimento me assaltou quando me annunciaram aquella visita do sol ao quarto do moribundo. Apertou-se-me o coração, e a luz do mais bello astro que Deus creou pareceu-me horrivel! Faltou-me o animo para sair de casa, e deixeime ficar na cama, prostrado, como se uma parte da minha vida estivesse perecendo. Eu morava ainda na rua dos Fanqueiros; apesar da distancia mandei repetidas vezes a Santa Isabel, e as noticias vinham cada vez peores. Para o fim da tarde mandou-seme dizer que o poeta perguntava por mim a todos os momentos, que queria ver-me e fallar-me, e que se impacientava com a minha extraordinaria ausencia. Perguntou até se eu teria saido zangado com elle!... E eu soube isto tudo, e não corri para o seu lado! E dever meu accusar-me; assim como censuro os outros, não posso nem devo deixar em silencio as minhas faltas. Não corri para o seu lado, quando elle me chamava ancioso, esperando allivio da minha companhia, ou, quem sabe? para me dizer a sua ultima vontade! E eu não fui por uma inexplicavel e vilissima cobardia. Tive medo que a sua grande alma fugisse do corpo achando-me eu só com elle. Andava-me a cabeça á roda, batia-me o coração com tamanha violencia, que parecia espedaçar-me o peito, porque a consciencia dizia-me que o meu maior amigo, aquelle que eu amava como pae, estava expirando; e no entanto deixava-me estar, sem animo de ir para junto d'elle, a fim de recolher as suas ultimas palavras!... Que desgosto e que remorso eterno me ficaria, se com effeito a sua morte tivesse tido logar durante a minha ausencia! Sem pretender desculpar-me, creio ainda hoje que fui victima de uma crise nervosa, e que esta me impediu de sair de casa todo o dia. Eu explicava então a mim mesmo este incrivel procedimento, dizendo que estava á espera da hora em que costumava ir o Gonçalves, para me não achar só, como de costume, ao pé do moribundo.

Em fim sai. Eram cinco horas da tarde; ia de má vontade, e com tanta repugnancia, que fui fazendo escalas para mais me demorar. Encontrei no caminho os srs. Felner e Rebello da Silva, que vendome na rua áquella hora, julgaram que o poeta estava livre de perigo! Eu desenganei-os, explicandolhes que o doente em vez de estar melhor me parecia achar-se bem peior, e que eu andava a fazer horas para entrar ao mesmo tempo que o Gonçalves.

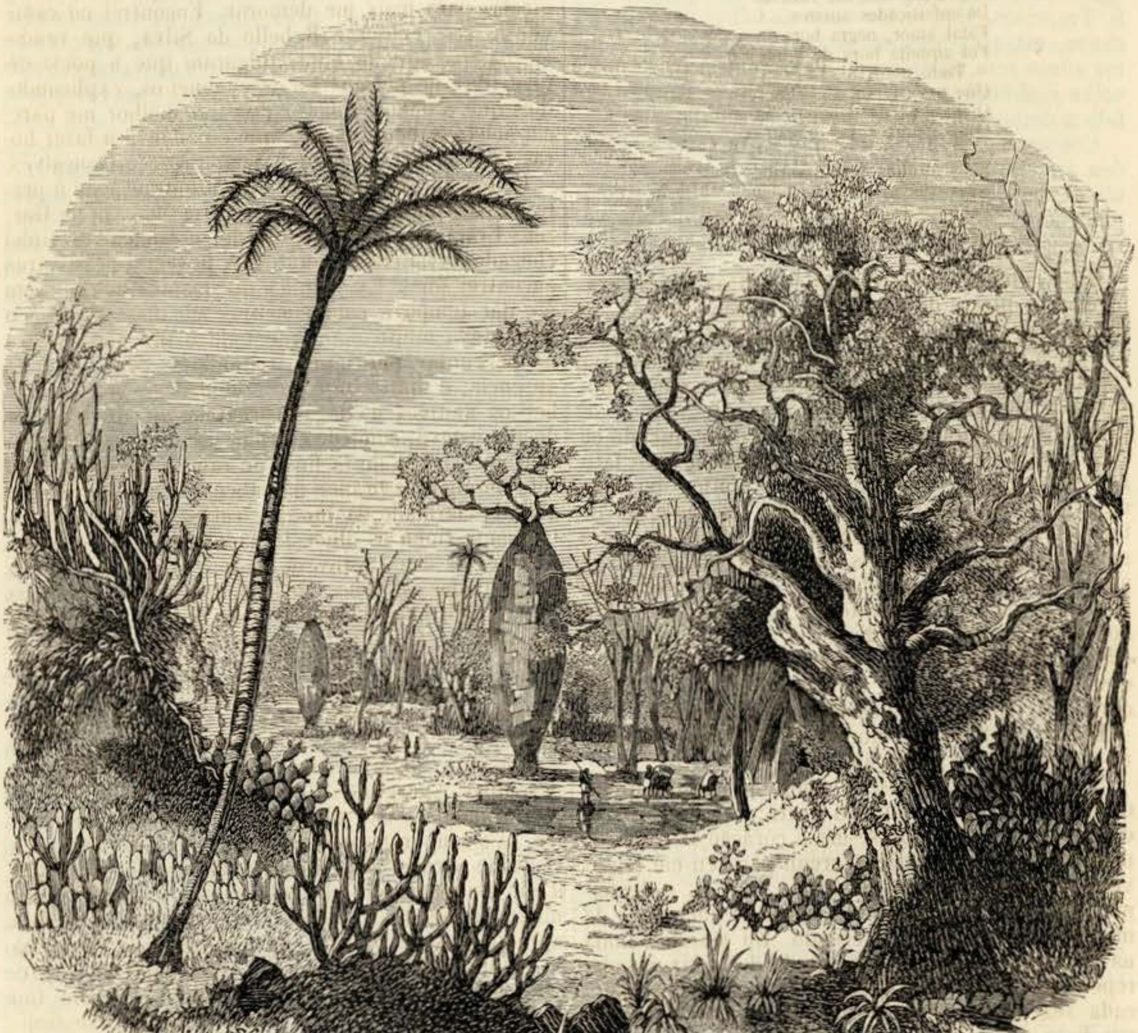
Com a aproximação da noite faltou-me todo o pretexto para maior ausencia, e entrei em casa de Garret. Eram seis horas da tarde, o Gonçalves tinha chegado havia cinco minutos. A primeira pessoa que encontrei foi a Exma filha do doente, a qual sem me dar tempo a comprimentos me disse «que seu pae estava muito mal, que todo o dia não cessara de perguntar por mim, irritando-se com tamanha ausencia, e muito inquieto e cuidadoso por não saber os motivos d'ella.» Aproximei-me do leito. O doente estava, como de costume, sentado; tinha vestido um roupão de lã fina, de ramagens, e um barrete de algodão branco na cabeça. O quarto recebia alguma claridade da luz que estava no escriptorio. O doente tinha os olhos fechados, mas não dormia. Aos pés da cama estavam as duas irmãs da Caridade, sentadas no chão; ao lado, o Gonçalves, n'uma grande poltrona toda coberta de lã e seda. Chegueime a este e fallei-lhe ao ouvido. O doente abriu os olhos, viu-me e conheceu-me logo. «Então ainda agora?!... Que lhe fizeram cá em casa?... Deixar-me assim... tanto tempo... quando mais falta me faz!...» Estendeu-me a mão, que eu apertei gaguejando não sei que miseraveis phrases para me desculpar, e perguntei-lhe como se achava. «Mal!... muito mal!... isto vae acabar... e mais depressa irá, se o senhor me torna a deixar por tanto tempo!» Pedi-lhe perdão, allegando que tinha mandado saber d'elle muito amiudo, durante o dia. «Mandou? Pois ninguem me disse nada!... O filha?...» — Esta aproximou-se. «Não me disseste que o sr. A. tinha cá mandado hoje!...» — Pois se o papá não o perguntou? — «Valha-te Deus, filha! vendo-me tão apoquentado!... Sente-se.» Sentei-me ao pé de Gonçalves. Garrett quiz continuar a fallar, mas fazia-o com muita difficuldade, interrompendo-se a cada palavra. Eu pedi-lhe que se calasse, e para o obrigar disse ao Gonçalves que passassemos para o escriptorio. Alli conversámos em voz mui baixa ácerca do estado do enfermo, que não podia ser mais assustador. Passados minutos voltei para o quarto, e sentei-me á cabeceira do leito. O doente abriu os olhos, pareceu fital-os no Crucifixo que fôra de sua mãe; correu depois a vista pelos angulos do quarto que se achavam mais envolvidos nas sombras, e pareceu admirado de não ver ninguem. Effectivamente todos tinham saido quando eu voltei para o seu lado. Depois d'este exame silencioso virou-se para mim; mediu-me com um longo olhar, e tornou a fechar os olhos. D'ahi a pouco abriu-os novamente; fitou-os nos meus, e chamou-me pelo meu nome. Sempre fitando-me, estendeu, lentamente, primeiro a mão

[1] *Flores sem Fructo*, 1845; pag. 184 e seguintes. Conservou-se na reproducção a pontuação que tem esta poesia no livro citado.

esquerda, que era a mais proxima em relação ao logar onde eu estava, depois as duas, como quem andava ás apalpadellas n'uma casa ás escuras, e perguntou-me «Aonde está V.?» Precipitei-me sobre as suas mãos apertando-lh'as nas minhas, e respondendo — aqui estou. Senti que tambem elle m'as apertava, e parecia querer reter-me. A pouca claridade que entrava no quarto não me permittia ver, distinctamente, se os seus olhos tinham ainda muito brilho, mas via bem que os conservava abertos. Passados instantes, tendo-me sempre as mãos presas, e parecendo olhar-me do mesmo modo, disse-me com indefinivel sentimento, mas com a voz clara e natural: «Eu já o não vejo!» E dizendo isto tornou a apertar-me levemente as mãos, largou-as, e fechou os olhos!...

Então atirei-me como louco pelo quarto fóra, gritando ao Gonçalves que acudisse. A este tempo o moribundo soltou tres pequenos gritos, sendo o primeiro maior e os outros a diminuir, e caíu para traz. O Gonçalves correu á cozinha, agarrou n'uma cafeteira cheia d'agua a ferver, e lançou ainda algumas gottas sobre os pulsos de Garrett. Era inutil. Ainda não se tinha passado um minuto quando entrou o sr. dr. Barral, e applicando-lhe o ouvido sobre o coração, declarou que tudo estava consummado!

Assim se extinguiu a luz que durante um quarto de seculo servíra de farol a uma geração litteraria,



Floresta catinga no Brazil

e que deixou apoz de si tão luminoso rasto, que as gerações futuras se guiarão por elle ainda d'aqui a muitos seculos.

Eram seis horas e vinte e cinco minutos da tarde de 9 de dezembro de 1854, quando a alma do grande poeta voou ao seio do seu Creador, deixando immortal na terra o nome do homem que a animára.

....

Caiu no chão a harmoniosa lyra,
Ouviu-se um ai sentido;
Era o adeus da alma que partira
Quando a lyra das mãos tinha caido,
E apenas uma para os ceos fugira,
Tinha a outra na terra adormecido.

(Continúa)

F. GOMES DE AMORIM

FLORESTA CATINGA NO BRASIL

Dois botanicos allemães, Endlicher e Martius, estão actualmente publicando, em Vienna e Leipsick, uma nova *Flora brasiliense*, d'onde é tirada a estampa de uma floresta catinga, da Bahia, que hoje apresentâmos.

Tem estas florestas uma vegetação peculiar, differente das florestas virgens. Os tupinambas lhe deram o nome de *caatinga* (clareira) d'onde os brasileiros, por corrupção, formaram a palavra catinga. E de feito, faltando-lhe as folhas em muitos mezes do anno, estas arvores deixam grandes clareiras através dos ramos. O viajante póde assim distinguir

as aves que pousam nos ramos; mas tambem apanham um sol abrasador, porque nenhuma sombra alli tempéra os ardores do estio. Os brasileiros tem ainda outras palavras para denominar esta vegetação, cujas fórmas se modificam muito: chamam-lhe tambem, carrasco, matto carrasquento, etc.

As florestas virgens, nas paragens em que o solo é mais sêcco, tem arvores mais baixas, e a vegetação é menos virente, similhante á das catingas, o que se vê, por exemplo, na estrada que vae do Rio de Janeiro a Santa Cruz.

Ha tambem catingas que todo o anno conservam as folhas e a verdura, se a humidade as fertilisa, como na provincia de Minas Geraes, nas margens do Rio Verde, e de outros que vão desaguar no Rio de S. Francisco. Mas se lhe cáem as folhas por falta de chuva, estas arvores conservam os gomos por muitos annos sem rebentarem. Pelo contrario, se o orvalho é abundante, ou sobrevem chuva copiosa, as folhas despontam com maravilhosa rapidez.

Contam os viajantes, que muitas vezes lhes succedeu armarem a sua barraca, para passarem a noite, n'uma floresta catinga, cujas arvores estavam completamente nuas de folhagem, e ao amanhecer verem-nas todas revestidas de folhinhas tenras, exhalando um perfume suavissimo. Era como se uma varinha de condão tivesse acordado aquellas arvores sêccas, da sua forçada lethargia. Então as catingas tomam um aspecto formosissimo, tanto pela delicadeza das suas folhinhas, e modo por que rebentam da extremidade dos ramos, como pelo capricho da sua florescencia. Todavia são mais para ver quando não tem folhas, durante o estio. Os citados botanicos allemães comparam, n'este estado, as florestas catingas ás de faias, olmos, carvalhos, amieiros, etc. Tem a mesma formação de ramos, a mesma espessura no tronco, a mesma altura e a mesma cortiça.

A floresta de catingas, que representa a nossa estampa, fica perto do Rio de S. Francisco na provincia da Bahia. Está muito povoada de cactos, que dão á paizagem grande colorido e matiz. No Brasil os cactos chegam á altura de 8 a 10 metros.

O mais singular, porém, da estampa, é a arvore que se vê ao centro, porque parece saír de uma amphora. O já citado botanico allemão chama-lhe *cavanillesia tuberculata*, e a compara á *adansonia digitata* de Cabo Verde (boabab [1]). O bojo d'esta arvore é de madeira muito branda, o amago não é lenhoso, mas cheio de medulla espessa. Cresce com rapidez, e algumas duram muitos seculos.

Para outra vez trataremos com mais extensão das portentosas florestas do Brasil, descriptas pelos nossos antepassados, descobridores d'este formoso imperio.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 106)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

VIII

SEPARAÇÃO

— Filha, por força. Ha de ser... tem de ser.

— E eu a pensar que me não deixava! Nunca imaginei que fosse para nos separarmos!

— Estás onde convem que estejas. Eu vou aonde é preciso que vá. Receias algum mal?

— Ai! isso não. Mas esta ausencia, esta ausencia...

— É a primeira, por isso custa. Descança, que não ha de ser comprida, querendo Deus. Farei tambem por abbreviar-t'a. Dize-me o que precisas.

— Nada.

— Vê bem. Uma menina da tua condição, e em casa e terra alheia, tem obrigação de corresponder ao seu nome e á sua gente. Olha se te lembra alguma coisa.

— Nada, nada, meu pae. E se alguma coisa me faltasse, não tinha o affecto e o cuidado de minha prima D. Maria?

— Assim o creio. É uma boa parenta, não te parece?

— Para mim não póde ser melhor.

— Trata-te com desvelo? Mostra-te carinho?

— A mais não poder.

— Isso me socega. Olha, Ignez, na nossa familia não se costumam fazer recommendações. Lembra-te sempre de... Basta que te lembres de quem és: não será preciso mais. E agora, adeus, que vão sendo horas, e está ahi á porta o Alegre.

— Já?

— Pois não te disse que não póde deixar de ser!...

Passava-se esta scena em Lisboa, em casa da sobrinha do capitão-mór, ao fim da calçada do Salitre, casa excellente para os desejos do fidalgo, recentemente edificada, como todas as d'aquelle bairro, só começado a povoar depois do terremoto, afastada da concurrencia e maior bulicio da cidade, e um meio termo entre o campo e a corte.

A jornada fizera-se uma maravilha. Gastaram os viandantes quinze dias, o muito, contando dois de descanço em Coimbra. No caminho nenhum incidente digno de notar-se, salvo as noticias das marchas e desacatos dos francezes.

Estas relações, em grande parte verdadeiras, n'outra exaggeradas, sempre exornadas e commentadas pelo espirito popular, muita vez arripiaram de horror o fidalgo de Val-de-mil, e tel-o-hiam obrigado a retroceder, se não levára, como se lá diz um fito feito, ou fôra homem de mudar tenções.

Chegando á capital, a sobrinha e seu marido tinham-n'o acolhido como geralmente se acolhe um parente rico, não só rico, mas com herdeiro unico.

A sobrinha, por nome D. Maria, como vimos, era uma senhora, que tinha tido vinte annos, e nunca havia de fazer quarenta. Os que se lembravam da sua meninice davam-lhe trinta e cinco; ella acceitava vinte e oito, e capitalisava o resto. No mais, uma educação muito superior ao commum de então, e uns restos de formosura bem aproveitados.

O desembargador, homem dos seus cincoenta, era um jurisconsulto mediocre em lettras, consummado em tretas palacianas, affavel de maneiras, reportado de palavras, criado em fim na eschola de José de Seabra, na epocha do seu segundo ministerio, e d'estes que sabem medrar com todos.

Ao tempo da chegada do tio capitão-mór, conservava-se elle n'uma prudente reserva, esperando os acontecimentos. Esta circunstancia foi particularmente agradavel ao morgado de Val-de-mil, por confirmar o acerto das suas resoluções. Nas coisas domesticas, e nas de fóra tambem, D. Maria era a inspiração e o conselho do grave magistrado. Mal passaria sem esta Egéria o Numa da casa da Supplicação. A camara conjugal era muita vez a floresta Aricia do cortezão doutorado. Como até então nunca se tinha dado mal, a influencia da consorte era illimitada.

Não me atreverei a dizer que havia entre os dois um affecto romantico. Em compensação dava-se uma grande conformidade de ambição e de interesses. O resultado era o mesmo.

Vivia o desembargador, como então se dizia, á lei da nobreza; sege á bolêa, criados de libré, escu-

[1] Vid. pag. 55 do presente vol.

deiro, mesa apurada, e em toda a casa grande respeito e compostura. Não podia ser melhor nem mais lisonjeiro o exterior. Para dentro via pouco o sincero e credulo capitão-mór, nada experiente nas coisas e usos da corte.

As pessoas do trato e intimidade da familia eram tambem das mais qualificadas e sisudas. Estas diversas particularidades cada vez o contentavam mais.

Não foi difficil a D. Maria persuadir ao marido a conveniencia de receberem o deposito que se lhes confiava. Obsequiavam um homem importante na sua provincia, parente proximo, poderoso proprietario, e senhor de pingues bens além dos vinculos. A presença de uma herdeira abastada podia tambem ser util em mais de um caso.

O futuro em conjunctura tão tenebrosa e incerta, quem n'o podia prever? Dá tantas voltas o mundo!

Não tinha filhos o desembargador. A donzella era para a casa um attractivo, e em boas mãos não seria milagre tornar-se origem de novas prosperidades.

O fidalgo havia na verdade participado logo á sobrinha que a mão de Ignez estava promettida; mas a dama, como sagaz, tinha para si «que o casamento e a mortalha no ceo se talha», e concluia que, feitas bem as contas, os prós do encargo se avantajavam muito aos contras.

Se o tio lhe podesse ler no coração! Mas não podia: e estava satisfeito de todos, e ainda mais de si.

Demorou-se elle tres dias para ver a cidade, e certificar-se do que havia a respeito dos francezes.

Viu muito com effeito; perguntou, indagou, examinou muito. O resultado foi deliberar-se a partir quanto antes.

O jugo dos invasores ia-se de dia para dia tornando mais pesado, e as suas intenções mais claras. Começavam a armar-se tumultos nas ruas. O descontentamento fermentava no povo. O licenciamento e desarmamento das milicias dissipára as illusões dos que ainda esperavam a conservação de uma administração nacional. Os governadores do reino perdiam successivamente a influencia, e achavam-se quasi privados de acção.

Posto que o capitão-mór não fosse grande observador, os symptomas do sentimento publico eram tão unanimes, tão significativos, que só uma total cegueira os não differençaria.

Deu logo tambem nos olhos ao fidalgo a bandeira franceza arvorada no castello de S. Jorge; e posto não lhe ser novidade, cuidou arrebentar de paixão. Os francezes eram com effeito senhores — senhores de tudo, a bem dizer. Não tinha mais que fazer na corte.

Annunciou, portanto, aos seus parentes a resolução de voltar á provincia, resolução que occultára á filha para não a penalisar com escusada anticipação.

Foi esta despedida mais dolorosa, muito mais dolorosa, do que a de Val-de-mil. Alli era o costume, aqui a natureza.

Assistiu o leitor ás ultimas palavras da breve conferencia, que precedeu a separação. O fidalgo nunca se mostrára tão expansivo. Ignez nunca ousára fallar com tanta liberdade. Trasbordava o affecto até então contido pela severidade dos costumes. O pae era francamente pae. Na filha o amor vencia o respeito.

Ignez soluçava nos braços do fidalgo, como se d'elles se não podéra arrancar. Este, como homem a quem outros deveres chamavam, repelliu-a com doce violencia, e saiu do quarto, sem voz para o adeus.

Estavam nas antecamaras os donos da casa esperando-o.

— D. Maria — disse o capitão-mór com intimativa para a sobrinha, vencendo a commoção — sabe o que lhe deixo!...

— Uma irmã! — acudiu esta, versada e expedita em respostas opportunas.

Podia dizer «uma filha», que lhe não ficava mal. Mas a juvenilidade inveterada não lh'o consentia.

— Ha-de-nos tornar depressa — ponderou o desembargador, por dizer alguma coisa.

— Tórno.

— Quando?

— Quando não houver já francezes em Lisboa.

O magistrado olhou com inquietação para a porta, não ouvisse algum criado. Era a primeira vez que o fidalgo dava entenderes dos seus secretos intuitos.

Ao portão estava effectivamente o Alegre com os cavallos.

— Vamos lá, Antonio — exclamou o fidalgo, como para aturdir a propria dor. — Não te dizia eu que nos não demoravamos?

— E a nossa menina? — retorquiu o serrano.

Bem sabia elle que estava destinado ficar a morgada; mas esperára até á ultima que o fidalgo lhe não podesse resistir, e a tornasse a levar.

— Olha — respondeu o capitão-mór.

E apontou para a janella onde Ignez se debulhava em lagrimas.

—Ah! sempre fica!

— Fica.

— O fidalgo ha de perdoar o meu atrevimento.

— Que queres?

— Queria pedir-lhe um favor.

— Dize, homem.

— Queria-lhe pedir que me désse licença de ir lá acima.

— Para que?

— E um favor muito grande, bem sei; mas diz-me cá o coração que a senhora morgada não o ha de levar a mal ao seu Antonio.

— Não a vês d'aqui?

— D'aqui... não posso fallar-lhe.

— Pois vae, mas avia-te que se faz tarde.

O Alegre deixou os animaes ao criado de rodas do desembargador, e, em quanto o capitão-mór, como um bom cavalleiro que se dispõe a jornadear largamente, examinava as silhas e a barbella, e verificava a disposição dos arreios, galgou os degraus da escada a quatro e quatro.

Percebeu-o Ignez e foi-lhe ao encontro, dando ordem para o fazerem entrar.

Tinha muito que recommendar e pedir á sua menina, o bom do Alegre. Levava na cabeça uma infinidade de coisas... que lhe recaíram no coração.

Chegando ao pé d'ella, com a sua eterna cara de riso orvalhada de lagrimas, póde apenas balbuciar:

— Senhora morgada... a senhora morgada quer alguma coisa lá para as nossas terras?

— Que te não esqueças... que se não esqueçam de mim — tornou-lhe a morgadinha desfazendo-se em choro.

Dilaceravam-lhe a alma os sentimentos tacitamente contidos n'aquella singelissima phrase: «as nossas terras.»

Parecia tambem que as pesadas colgaduras das salas do desembargador abafavam, e tiravam o ar ao caçador costumado a respirar na montanha.

Saiu como saíra o amo; saiu para não suffocar.

Partiram finalmente os dois. Ignez da janella seguiu-os com os olhos em quanto os póde avistar. Foi preciso ir D. Maria arrancal-a d'alli.

Mas era uma excellente consoladora a sr.ª D. Ma-

ria. Era para o conforto e lenitivo tão persuasiva, tão persuasiva... que n'essa mesma noite, ainda com os olhos vermelhos, a menina de Val-de-mil dava pela primeira vez entrada n'um sarau.

MENDES LEAL JUNIOR

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Por lapso de revisão saíu no antecedente numero trocado o adjectivo *meio*, na primeira linha, do segundo periodo, do artigo que tem o mesmo titulo que a este pozemos.

Deve-se pois corrigir d'este modo: uma casa póde estar *meia* feita ou *meio* feita.

Ainda que pela explicação que logo se segue a estas duas hypotheses, se reconheça a troca, estando alli empregado o adjectivo adverbialmente em vez de ser no sentido proprio, todavia cumpre que em taes escholios haja sempre a maior exacção, e que acudâmos immediatamente com a emenda ou explanação, segundo for mister.

Quem quer ganhar honra, não se ha de entregar ao descanço.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

ANTIGUIDADES NACIONAES

Respostas do procurador da coroa ao desembargo do paço sobre o memorial que o nuncio do papa deu a el-rei para se reformarem os trages das mulheres.

Depois que o sr. rei D. João II, com obsequio mais reverente que politico, cedeu, no anno de 1489, d'aquelle direito que havia n'este reino (e ha ainda em quasi todos os da Europa) de serem examinadas pelos ministros reaes as bullas e rescriptos apostolicos, se animam os curiaes de Roma, com suggestões e com erradas informações, a impetrar dos pontifices muitas com grave prejuizo do mesmo reino, as quaes, se passassem por aquelle exame, não se executariam, sem se faltar á santa obediencia que se deve á suprema tiara, porque, suspender na execução dos rescriptos de sua santidade, quando consta que não foi perfeitamente informado, e supplicar d'elle para elle, é acto da mais justificada obediencia, pela qual razão, e por ser este um dos direitos mais inseparaveis da Regalia, e precisamente necessario para o governo do reino, foi opinião dos homens doutos d'aquelle tempo, como é ainda dos de agora, que não podia aquelle principe ceder d'este direito.

Porém no caso presente, se o nuncio guardasse o que o pontifice lhe mandou, não era necessario que o direito estivesse em sua observancia, bastaria que elle não excedesse o mandato.

Foi sua santidade informado de que as mulheres d'este reino andavam deshonestamente vestidas, e que se tinha pouco respeito e veneração a Deus e a seus santos, nos templos sagrados; e ordenou ao nuncio que procurasse evitar aquelles actos, que teve por indecentes e escandalosos. Mas confessa o mesmo nuncio, que esperava o pontifice que o meio efficaz para se obviarem, seria dar sua magestade seu patrocinio a esta causa de Deus.

Se pois sua santidade quiz n'este negocio, ainda que espiritual, se entrasse com o patrocinio de sua magestade, como se animou o nuncio, sem este patrocinio, e ainda sem dar noticia ao dito senhor, a executar o que sem elle não quiz o papa que se executasse?

Pede tambem o nuncio a sua magestade que sobre esta materia, tão proveitosa, queira ouvir aos prelados, e outras pessoas que lhe parecer. Porém se elle já o tem posto em execução, já o escreveu aos prelados, e já alguns d'elles a deram á execução, como foi o bispo de Elvas, que acrescentou mais do que o nuncio pedia, de que póde servir o que estes prelados disserem?

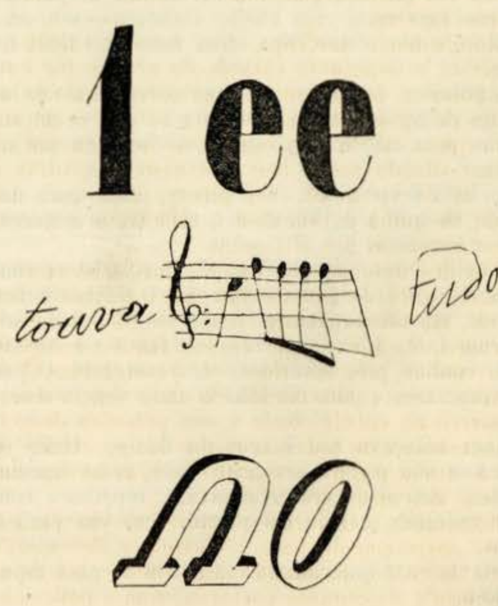
A materia é muito grave, mas por isso mesmo, e pela novidade que inclue, não se deverá entrar na execução d'ella, sem se dar conta a sua magestade, e sem ser tratada e discutida pelos prelados, e pelas pessoas doutas, pias e zelosas do serviço de Deus, das muitas que ha n'este reino, melhor informados dos costumes da nação, e da gente d'ella, que os estrangeiros.

Parece-me pois, que sua magestade deve mandar escrever ao nuncio, que lhe estranha muito que, sendo a materia tão grave, e a novidade tão grande, e sobre tudo tendo elle ordem de sua santidade para lh'a communicar e impetrar seu patrocinio, entrasse, sem lhe dar noticia, na execução d'ella; e que logo suspenda, e faça suspender, em todos os procedimentos, e que o mesmo se escreva a todos os prelados, até aos mesmos que já começaram a executar. É que outrosim se escreva ao nuncio, que sua magestade está prompto para mandar communicar a materia com os prelados, e com pessoas pias e doutas, para, conforme ao que lhe aconselharem, dar todo o auxilio para se obviarem os peccados e escandalos, e não se faltar á veneração que se deve aos logares sagrados, e a ser religiosamente obedecido o pontifice em tudo aquillo que, bem informado, mandar nas materias espirituaes. Lisboa 11 de agosto de 1689. — *Manuel Lopes de Oliveira.*

Este parecer tem á margem a seguinte cota:

«Ordenou-se ao nuncio que suspendesse até se conferir a materia com pessoas pias e doutas. Elle respondeu que não escrevêra aos bispos com preceito e auctoridade apostolica, mas sómente por advertencia, conforme a mente do pontifice.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do conde de Sampaio.